

UM OLHAR SOBRE O CORDEL¹

Maria Isaura Rodrigues Pinto (UERJ)

m.isaura27@gmail.com

Joana D'Arc de Matos Lima (SEEDUC)

nanamatos.darc@gmail.com

Anne Kathlen Rebello Siqueira da Silva (UERJ)

annekathlen50@gmail.com

RESUMO

Este trabalho objetiva apresentar práticas realizadas no âmbito da parceria do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência PIBID-CAPEES com a Escola Estadual Capitão Osvaldo Ornellas. A proposta parte do entendimento de que o estudo do cordel constitui uma etapa significativa na formação de leitores, pois requisita conhecimentos sobre um modo peculiar de realização do fenômeno literário. Para tanto, incentivou-se a apreciação do gênero cordel através de estratégias de leitura instigantes. As atividades incluíram, entre outros aspectos, o estudo das características sociocomunicativas do gênero, da estrutura textual, do estilo e dos elementos verbais e não-verbais. A fundamentação teórico-metodológica ancorou-se, principalmente, na concepção enunciativa-discursiva de Mikhail Bakhtin (2011), no tocante à noção de gênero e em estudos de Ingedore V. Koch e Vanda M. Elias (2006), ao considerarem a leitura como um processo de interação e produção de sentidos. Com base na articulação desses referenciais teóricos, o procedimento didático seguiu no formato de uma sequência didática com características indicadas por Joaquim Dolz, Michele Noverraz e Bernard Schneuwly (2004). O trabalho levou os alunos a lerem, ouvirem, interpretar, manusearem cordéis e ousarem, experimentarem e arriscarem-se a externar, em versos rimados, visões de mundo e emoções.

Palavras-chave: Cordel. Cultura popular. Leitura.

ABSTRACT

This paper aims to present practices carried out within the scope of the PIBID and E. E. Captain Osvaldo Ornellas partnership. The proposal starts with the understanding that studying cordel constitutes a significant stage in the readers' developing since it demands knowledge about a specific way of writing literature. The appreciation of the genre was stimulated through thoughtful Reading strategies. The activities included the following aspects: socio-communicative characteristics; textual structure; style, verbal and non-verbal elements. The theoretical-methodological foundations were based mainly on Mikhail Bakhtin's (2011) enunciative-discursive perspective, regarding genre notions, and Ingedore V. Koch and Vanda M. Elias (2006) studies, considering reading as a way of processing interaction and producing meaning. Based on the articulation of these studies, the didactic method followed sequence format crea-

¹ Uma versão deste artigo foi apresentada no VII ENALIC (2018), Fortaleza, CE.

ted by Joaquim Dolz, Michele Noverraz and Bernard Schneuwly (2004). The assignment led students to read, listen, interpret, handle cordel and to experimente expressing their wordviews, and emotions through rhymes.

Keywords: Cordel. Popular culture. Reading.

1. Apresentação

O estudo da literatura de cordel constitui uma etapa significativa no processo de formação de leitores, já que requisita a aquisição de conhecimentos sobre uma forma peculiar de produção literária da cultura popular, possibilitando a apreensão de um outro modo de realização do fenômeno literário. O cordel é uma manifestação literária que, no Brasil, está tradicionalmente ligada à região Nordeste, onde floresceu. Entretanto, acompanhando correntes migratórias, essa literatura difundiu-se no território nacional, firmando-se em alguns estados da região Sudeste, principalmente, São Paulo e Rio de Janeiro. Segundo Marcela Cristina Evaristo (2003):

[...] caracterizado pela oralidade e integrante da literatura popular em verso, esse gênero apresenta algumas peculiaridades. Situado entre a oralidade e a escrita, o cordel é uma modalidade com duas vias de chegada ao leitor. No primeiro momento, o poeta “canta” seus versos para um público específico para, num segundo momento, atingir o seu objetivo maior: vender os seus folhetos impressos, onde figuram propriamente seus poemas. (EVARISTO, 2003, p. 122)

O cordel tem marcas formais bem definidas. Como mostra a autora (2003, p. 122-123), as estrofes mais populares são as de seis versos, setessilábicos com esquema rítmico abcbdb, e também as quadras e poemas com dez versos. A estrutura própria do cordel, cultivada pelos poetas, não é de fácil execução, sendo assim, a produção escrita/oral dos alunos (como extensão da leitura dos folhetos na escola) deu-se através de poemas rimados, como veremos. A questão que Maria José F. Londres (1983, p. 32) coloca, no seu clássico livro *Cordel: de encantamento às histórias de luta*, em relação a essa literatura, é: “Haverá outro documento de igual importância como expressão cultural – artística e ideológica – das camadas pobres excluídas da “cultura” oficial?”

Em consonância com o reconhecimento da importância da literatura de cordel como expressão cultural, as ações didáticas que nos propomos a socializar buscaram levar aos alunos atividades de ensino prazerosas com o cordel. Elas desenvolveram-se no âmbito da parceria do PIBID, subprojeto Língua Portuguesa, da Faculdade de Formação de Pro-

fessores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro com a Escola Estadual Capitão Oswaldo Ornellas, no município de São Gonçalo. Vale, aqui, ressaltar que a equipe pibidiana realizou um trabalho integrado que contou com a participação efetiva de turmas de oitavo ano e também com o apoio da Direção, dos funcionários e dos professores da escola.

2. *Objetivo geral*

Atuando nessa direção, a sequência didática “Um olhar sobre o cordel” – que deu nome a este artigo – teve como objetivo incentivar a apreciação do gênero cordel através do uso de estratégias adequadas à criação de ambientes de leitura e de produção de textos instigantes, visando à motivação dos alunos para a análise e interpretação dos textos. Para tanto, as atividades desenvolvidas relacionaram-se aos seguintes aspectos: características comunicativas do gênero (condições de produção, propósito comunicativo, finalidade); estrutura textual (estrofes, versos, rimas, métrica); estilo e elementos verbais e não-verbais que entram na composição dos folhetos de cordel.

Além disso, houve um empenho da equipe pibidiana no sentido de aplicar técnicas de abordagem comparativas ao estudo dos textos, com o propósito de contribuir para que o educando desenvolvesse uma compreensão de natureza plural sobre o fenômeno literário e, assim, pudesse reavaliar a produção de escritores que, embora não integrem o cânone literário, produzem uma literatura de grande representatividade cultural.

3. *Justificativa*

Na trilha dessa visão, é importante possibilitar a ampliação do quadro de leitura dos gêneros literários da cultura popular desde o ensino fundamental, tendo como destaque o cordel. Em conformidade com esse pensamento, pautado no acolhimento da pluralidade de vozes sociais, vários pesquisadores defendem um trabalho em sala de aula que contemple o cordel a partir de práticas de leitura e de escrita diversificadas e prazerosas, em que sejam observados os constituintes estéticos e enfocados os valores artísticos e poéticos do gênero.

Ilustrativo do debate que valoriza a presença do cordel na escola é o texto de Marcela Cristina Evaristo (2011, p. 119-185), intitulado “O cordel em sala de aula”, já mencionado aqui, no qual se destaca a impor-

tância de, na abordagem do gênero, analisar seus fatores contextuais, seus elementos regionais e sua relevante função na constituição da identidade cultural do povo brasileiro. A autora apresenta os cordéis integralmente e reflete sobre a estrutura temático-composicional que os compõem, sem deixar de considerar os usos linguístico-expressivos neles utilizados.

Nessa linha, um outro exemplo que também merece destaque é o livro de Ana Cristina Marinho e Hélder Pinheiro, *O cordel no cotidiano escolar* (2012), em que são fornecidas informações sobre a história da literatura de cordel e seus principais temas, como as pelejas, os folhetos de circunstância, ABCs e romances, além de esclarecimentos a respeito das formas de ilustração dos folhetos. A par disso, é trazida uma série de sugestões de atividades, como leitura em voz alta, debates e discussões e jogos dramáticos, entre outras. Um lugar-comum nesses estudos é o reconhecimento do potencial didático da literatura de cordel na sala de aula, visto que essa modalidade de produção literária, apesar de não ter ainda o devido reconhecimento, merece ser apreciada pela sua riqueza temática, recursos estéticos e valor cultural.

4. Fundamentação teórica

A leitura é uma das habilidades mais importantes do ensino de língua portuguesa no ensino fundamental. Ela abre caminho para a escrita. Essa visão é assumida pelos PCN de língua portuguesa, como se pode constatar na seguinte passagem:

O trabalho com leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura, espaço de construção da intertextualidade e fonte de referências modelizadoras. A leitura, por um lado, nos fornece a matéria-prima para a escrita: o que escrever. Por outro, contribui para a constituição de modelos: como escrever. (BRASIL, 1997, p. 40)

De acordo com Mikhail Bakhtin (2011, p. 282), todo uso da linguagem/língua se apoia em gêneros, independentemente de se ter ou não consciência dessa condição. Nesse sentido, diz o autor: “moldamos o nosso discurso por determinadas formas de gênero, às vezes padronizadas e estereotipadas, às vezes mais flexíveis, plásticas e criativas”. Isso posto, as práticas de leitura, na escola, que almejam contribuir para o empoderamento e a maior autonomia discursiva do aluno, precisam contemplar o estudo desses “tipos relativamente estáveis de enunciado”,

examinando suas especificidades em relação à três elementos: o conteúdo temático, a estrutura composicional e o estilo.

Luiz Antonio Marcuschi (2006, p. 19) ressalta, na trilha de Mikhail Bakhtin (2011), que os gêneros não são uma mera organização de cunho linguístico-textual, “São formações interativas, multimodalizadas e flexíveis de organização social e produção de sentidos”. Tais formações são marcadas pela esfera de atividade nas quais os enunciados se inscrevem, dessa forma, ao contemplá-las, faz-se necessário considerar o seu contexto de produção, sua circulação e recepção. Convém lembrar, como alertam os estudos, que novas demandas, nas esferas sociais, podem gerar mudanças nos enunciados, ocasionando o aparecimento de determinados tipos de gêneros.

À luz desse quadro teórico, o cordel faz parte da imensa riqueza e variedade de uso da língua na sua realização literária. Trata-se de um gênero discursivo escrito, da esfera literária, e, sendo assim, compartilha da natureza dialógica da linguagem. O conceito de dialogismo, proposto por Mikhail Bakhtin, refere-se ao fato de que um enunciado é sempre uma resposta a outros enunciados. Em seus próprios termos:

Todo enunciado – da réplica sucinta (monovocal) do diálogo cotidiano ao grande romance ou tratado científico – tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto: antes do seu início, os enunciados de outros; depois do seu término, os enunciados responsivos de outros (ou ao menos uma compreensão ativamente responsiva silenciosa do outro ou, por último, uma ação responsiva baseada nessa compreensão) (BAKHTIN, 2011, p. 275)

Isso aponta para a importância de se considerar, nas práticas de leituras e de escrita, as relações dialógicas que os gêneros mantêm uns com os outros.

Por força do exposto, para o desenvolvimento da atividade de leitura e escrita aqui referida, o viés teórico, fundado na abordagem de gêneros, além de aderir ao enfoque intertextual, dialogou com estudos de Ingedore Villaça Koch e Vanda Maria Elias (2006), nos quais se concebe a leitura como uma atividade de interação que envolve autor-texto-leitor num processo de produção de sentidos, viabilizados pelo leitor a partir de pistas e sinalizações que o texto fornece. Contudo, é preciso considerar, como frisam as autoras, que também entra em cena o conhecimento prévio do leitor.

Visto que o sentido do texto não existe *a priori*, torna-se necessário acionar uma série de estratégias sociocognitivas para construí-lo.

Nesse processo, ocupa lugar de destaque a estratégia da inferência – fundada na articulação entre informações contidas no texto, o contexto e os conhecimentos prévios do leitor –, visto que autoriza a captação e adição de informações não explicitadas, possibilitando uma maior compreensão do enunciado. Nesse sentido, Ingedore Villaça Koch e Vanda Maria Elias sublinham que:

[...] na concepção interacional (dialógica) da língua, os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, sujeitos ativos que – dialogicamente – se constroem e são construídos no texto, considerado o próprio lugar da interação e da constituição dos interlocutores. Desse modo, há lugar, no texto, para toda uma gama de implícitos, dos mais variados tipos, somente detectáveis quando se tem, como pano de fundo, o contexto sociocognitivo dos participantes da interação. (KOCH & ELIAS, 2006, p. 10-11)

Para a tarefa de colocar o educando em diálogo com o cordel na construção e negociação de sentidos, recorremos a contribuições de Joaquim Dolz, Michele Noverraz e Bernard Schneuwly (2004) a respeito dos gêneros e de sua transposição para o contexto escolar através de sequências didáticas. Sintonizando-se também com a concepção de linguagem bakhtiniana como lugar de interação/encontro de sujeitos, os autores realizam uma releitura da teoria dos gêneros e propõem-se a criar novas metodologias de ensino. Sobre a noção de gênero, Joaquim Dolz, Michele-Noverraz e Bernard-Schneuwly assim se expressam:

[...] há visivelmente um sujeito, o locutor-enunciador, que age discursivamente (falar/escrever), numa situação definida por uma série de parâmetros, com a ajuda de um instrumento que aqui é um gênero, um instrumento semiótico complexo, isto é, uma forma de linguagem prescritiva, que permite, a um só tempo, a produção e a compreensão de textos (DOLZ, NOVERRAZ & SCHNEUWLY, 2004, p. 26-27)

Na visão dos autores, os gêneros resultam de cristalizações das práticas de linguagem e podem ser utilizados na escola como modelos de atuação em termos didáticos. Seus estudos ressaltam que, na situação particular, em que o gênero se torna alvo de análise na escola configura-se um desdobramento, já que, além de instrumento de comunicação, o gênero passa a ser objeto de ensino. Ainda que sejam buscados mecanismos de aproximação dessas práticas de linguagem do real, elas serão sempre, mesmo que parcialmente, simuladas, isto é, fictícias. Considerando que os gêneros passam inevitavelmente por transformações ao serem introduzidos na escola, Joaquim Dolz, Michele Noverraz e Bernard Schneuwly (2004, p. 95-128) propõem a elaboração de sequências didáticas, sugerindo, que na didatização do gênero, o trabalho busque, o mais possível, uma aproximação das verdadeiras situações de comunicação. A

seqüência didática é definida como: “Um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (*Idem, ibidem*, p. 97).

Vista como alternativa didática que pode ser capaz de motivar o estudo de gêneros com prazer, a seqüência didática reúne múltiplas atividades de escrita e de fala que se efetivam através de módulos a partir da produção inicial de um gênero discursivo, constituindo etapas que, por meio de ações que incluem observação e descoberta, conduzem ao domínio do gênero. Esse processo busca o conhecimento das formas constitutivas do gênero, que poderá configurar-se na produção final do aluno. A seqüência didática, como dispositivo metodológico, prevê reflexões sobre as práticas de linguagens envolvidas, possibilitando que se obtenham resultados positivos em termos de aprendizagem acerca de gêneros.

5. Metodologia

Apresentaremos a seguir as quatro etapas que constituíram o procedimento pedagógico dedicado ao estudo do cordel na Escola Estadual Capitão Oswaldo Ornellas.

Nas duas primeiras, o percurso do cordel e suas principais características foram revisitadas juntamente com os alunos que ativaram seus conhecimentos prévios. Para esse fim, dois áudios, de Bráulio Bessa, foram exibidos a par da leitura de folhetos de cordel, de diversos autores, retirados da biblioteca da escola.

O procedimento suscitou uma ampla discussão sobre os seguintes elementos: o conteúdo temático, a estrutura composicional, o esquema de rima e a forma de linguagem empregada nos folhetos de cordel selecionados. Pudemos, então, tecer considerações sobre as marcas do gênero e os desafios impostos a sua elaboração. Esse conjunto de atividades implicou a construção de um olhar sobre o cordel, despido de preconceitos e estigmas redutores. No decorrer das oficinas, os alunos do oitavo ano manusearam livros escritos em cordel, além de folhetos de cordel com temas variados, pertencentes ao acervo da biblioteca da escola e da cordelteca da Faculdade de Formação de Professores da UERJ, para que percebessem as múltiplas possibilidades de criação dessa literatura popular. Dentre o material utilizado, destacamos: *Antologia poética* (2007), de Patativa de Assaré, *Lições de gramática em versos de cordel* (2011), de Janduhi Dantas e *Meu livro de cordel* (2008), de Cora Carolina.

Ao término da primeira etapa do trabalho, os alunos foram encorajados a produzirem, com o auxílio uns dos outros, da professora e dos graduandos pibidianos, uma “primeira produção” com versos rimados que dialogassem com os cordéis lidos. A elaboração de textos rimados beneficiou o aperfeiçoamento do processo de escrita e remeteu a momentos de leitura de poemas de cordel e de outra natureza, levando as turmas a tecerem comparações entre diferentes maneiras de produzir literatura.

A segunda etapa teve início com a apresentação dos textos elaborados na atividade anterior. As produções mostraram o bom desempenho dos alunos na produção de sentidos para os textos exibidos e na capacidade de atender à tarefa solicitada que requeria o emprego de rimas. Em seguida, com o objetivo de aprofundar os conhecimentos sobre a literatura de cordel, foi feita a articulação dos recursos empregados nos textos dos alunos com as características já estudadas do cordel. Na sequência, em relação aos poemas dos alunos, foram apresentados comentários sobre os seguintes pontos: seleção vocabular, significados produzidos por tal seleção e pela estruturação das ideias, enfoque dado ao tema pelo autor para expressar poeticamente as suas experiências e leituras do mundo.

Na terceira etapa, o conceito de sarcasmo, ironia e hipérbole – figuras de linguagem muito frequentes no cordel – foi construído através de uma conversa com anotações paralelas no quadro e leitura dos seguintes folhetos: *País da inclusão*, de Carol Miskalo e *Nordestina exagerada*, de Carlinhos Cordel, na turma 801 e, na 802, *Cordel Adolescente*, de Sylvia Orthof. No segundo momento da atividade, foi realizada uma dinâmica envolvendo a noção de variação linguística. Usaram-se alguns balões com palavras típicas de determinadas regiões do Brasil, extraídas dos folhetos. Após estourarem os balões, os alunos fizeram a leitura das palavras e exploram seus significados com o auxílio do celular. Os termos foram listados no quadro e os significados foram apresentados com a indicação das regiões em que são utilizados.

Na quarta e última etapa, a métrica e os tipos de rima foram os destaques, além de se realizar uma comparação entre o cordel e o repente. Para tanto, foi apresentado o áudio do cordel cantado *A chegada de Lampião no inferno*, de José Pacheco. O desafio dessa oficina, para a turma 801, foi a criação, agora individual, de um texto poético rimado. Na turma 802, houve um diferencial: foram entregues várias dobraduras no formato de folheto, para que os alunos ali escrevessem seus poemas rimados, utilizando ilustrações que lembrassem xilogravuras, em um prazo de quinze dias.

6. Resultados

No final da sequência didática, o trabalho efetivado revelou-se significativo, pois foram observadas mudanças no procedimento dos alunos e no seu interesse pela leitura de poemas. Além disso, as produções poéticas da turma refinaram-se e o gosto pela leitura de cordel levou à dramatização voluntária de obras. Concluídas as atividades, constatou-se, também, que há vários alunos com muito talento, não só para criar textos originais e desenhar, mas também para produzir novos textos a partir de releituras de obras já existentes. Foi uma boa surpresa vê-los, por iniciativa própria, apresentarem suas composições para a comunidade escolar na culminância da atividade.

7. Considerações finais

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PI-BID) proporciona aos licenciandos a oportunidade de participar ativamente na escola, sob a orientação de professores, do desenvolvimento de ações metodológicas inovadoras, o que resulta na melhoria de sua formação. Os benefícios trazidos pelo programa são abrangentes, já que não só os graduandos, mas também os alunos da educação básica, os supervisores, o coordenador de área e os demais professores envolvidos nas tarefas têm a sua formação enriquecida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSARÉ, Patativa do. *Antologia poética*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2007.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CAROLINA, Cora. *Meu livro de cordel*. São Paulo: Gaudi, 2008.
- CARLINHOS. *Nordestina exagerada*. Áudio. Disponível em: <https://www.youtube.com/results?search_query=%22Nordestina+exagerada%22>. Acesso em: dez 2019.

DANTAS, Janduhi. *Lições de gramática em versos de cordel*. Petrópolis: Vozes, 2008.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

EVARISTO, Marcela Cristina. O cordel em sala de aula. In: CHIAPPINI, Lúgia (Coord.). *Gêneros do discurso na escola*, vol. 5. São Paulo: Cortez, 2011, p. 119-185.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.

LONDRES, Maria José F. *Cordel: do encantamento às histórias de luta*. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, Acir et al. (Orgs.) *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006, p. 23-36.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. *O cordel no cotidiano escolar*. São Paulo: Cortez, 2012.

MISKALO, Carol. *País da inclusão*. Áudio.

ORTHOFF, Sylvia. *Cordel adolescente*. Áudio. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ovi6mKzyz94>>. Acesso em: dez 2019.

PACHECO, José. *A chegada de Lampião no inferno*. Áudio. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SVE-e1mSfhw>>. Acesso em: dez 2019.